

PRAZER, JUVENTUDE E FELICIDADE NA POESIA POPULAR

Pleasure, youth and happiness in the popular poetry

Ms. Júlia Constança Pereira Câmelo

Professora Assistente de História do Brasil do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA. E-mail. jconstanca@terra.com.br

RESUMO: análise dos poemas a *Cocanha* e a *Viagem a São Saruê*, bem como a conotação dada por eles a idéia imaginária de um Paraíso Terrestre, no qual o prazer, a ausência de trabalho, e proibições são o segredo para a felicidade do homem. A *Cocanha* foi escrito no século XIII e *São Saruê* em 1978, século XX. Apesar dos séculos que separam os poemas podemos encontrar semelhanças que nos leva a concluir que o poeta popular, nordestino, tinha conhecimento pela tradição oral, da *Cocanha*.

PALAVRAS -CHAVE: Prazer, Poema, Cultura, Imaginário

ABSTRACT: This paper analyzes the poems "Cocanha" and " Viagem a São Saruê", as well as the connotation for the imaginary idea of a Terrestrial Paradise, in which the pleasure, the work absence, and prohibitions are the secret for men's happiness. *Cocanha* was we written in 13th century and *São Saruê* in 1978, in the 20th century. Although many centuries separate the poems, we find similarities that help us to conclude that the popular poet native of the northeastern Brazil had knowledge by oral tradition of the medieval country of *Cocanha*.

KEY WORDS: Pleasure, Poems, Culture, Imaginary.

1. INTRODUÇÃO

A prática docente na Universidade Estadual do Maranhão da disciplina História do Brasil Contemporâneo tem nos levado a discutir aspectos da sociedade atual, dentre eles acabamos por nos deparar com a sexualidade, o prazer, o consumo, porém temos analisado que no processo de conquista do bem estar, muitas vezes, fica patente o desejo de que a felicidade aconteça com o mínimo de esforço possível.

A pesquisa que realizo tem enveredado para a história cultural, cujas referências estão em Bakhtin, Roger Chartier, Carlo Ginzburg, ambos percebem a "circularidade" entre as culturas das classes dominantes e as subalternas. Compreendendo que a idéia de prazer, bem estar, pode ser encontrada em qualquer classe social ou grupo de pessoas, procuramos buscar nas nossas pesquisas elementos que venham trazer mais evidências das aspirações do homem moderno, cujos sonhos, muitas vezes, estão em usufruir de prazeres sem que seja necessário trabalho e espera, tudo deve estar ao seu dispor quando ele quer. A ação será apenas escolher segundo as preferência do consumo.

Após ter acesso ao cordel, *Viagem a São Saruê*, escrito por um poeta popular nordestino que relata um "país maravilhoso", as idéias de Colombo, sobre o "Paraíso Terrestre", e o poema que fala do país da Cocanha, surgiu o interesse em pensar essas visões de um país maravilhoso, no qual os prazeres, e as riquezas são a tônica da vida.

Várias são as interpretações sobre Colombo, nas quais ele figura entre outras definições como idealista, dissidente de algumas posturas da Igreja Católica, ao mesmo tempo que defendia sua missão e acreditava nos ensinamentos religiosos sobre a existência do Jardim do Éden, do Paraíso Perdido. Aventureiro, sonhador, ambicioso, em suma um homem que acreditava nos avanços científicos, nas crenças e lendas medievais.

Já Manuel Camilo dos Santos, autor do folheto *Viagem a São Saruê* era nordestino, poeta e produtor de Literatura de Cordel, principalmente, no período de 1950-70. Sem formação acadêmica, escrevia a partir do seu cotidiano, das histórias ouvidas e das leituras que tinha acesso. Geralmente, jornais, almanaques e revistas. Era um observador criterioso, fascinado pela história dos deuses gregos e pela Bíblia, a respeito deste último livro, Camilo dos Santos (LESSA, 1998) afirmava, categoricamente, todo poeta devia conhecer bem.

As referências de Manuel Camilo e Cristóvão Colombo sobre o paraíso são do período medieval, ambos imaginaram um paraíso construído a partir da oralidade e da religião, mas, o tempo e o contexto da época em que viveram gerou visões diferentes.

2. O IMAGINÁRIO PARADISIÁCO

Havia no imaginário do colonizador uma série de mitos, doutrinas religiosas e idealizações, como a crença em monstros marinhos, o sonho de encontrar muitas riquezas, entre elas as que foram narradas por Marco Polo. Porém, um dos mitos que os europeus conheciam bem era o da Idade do Ouro, que estava relacionado à questão da origem do homem.

Trata-se da idéia de perfeição dos primórdios. Os gregos acreditavam em um paraíso primordial, que passou por várias destruições e recriações da raça humana. Esse mito também é observado por LE GOFF (1984) nas sociedades ditas primitivas, na tribo Aranda da Austrália central, em povos da África, em algumas civilizações orientais e entre os índios Guaranis, o mito da terra sem males, no qual o índio vira branco e o branco vira índio.

Esses últimos acreditam na "existência de uma terra sem mal , a terra da imortalidade e do repouso eterno situada do outro lado do Oceano ou do centro da terra.... o paraíso que procuram é o mundo restaurado na sua beleza e glória inicial." (LE GOFF 1984, p. 312). Tal mito de uma vida perfeita aparece em todos os continentes, com algumas variações, mas sempre sinalizando para o retorno a uma situação justa.

Os ensinamentos judaico-cristãos apresentam o paraíso perfeito, no Jardim do Éden, e a expulsão do homem desse jardim por causa da desobediência a Deus. Mas, esse mesmo Deus fez uma aliança com o homem, e prometendo que seu filho, o Messias, Jesus Cristo, seria sacrificado e aqueles que reconhecessem a sua morte e ressurreição teriam, após o Julgamento Final da humanidade, um novo céu e uma nova terra. Uma terra sem violência, sem fome, sem choro, ou seja, o paraíso restaurado. O fascínio que o homem tem por essa origem perfeita e a saudade dessa origem levam-lhes a pensar sempre nessa volta à Idade do Ouro.

Em suma, as idéias e tradições dos colonizadores foram construídas a partir de informações como essas de cunho narrativo, mítico e religioso. Os relatos sobre a nova terra, estavam geralmente, justificando as idéias pré-concebidas.(CAMELO, 2000):

...dos bons ares e temperos, ainda que vizinhos da equinocial; das águas doces, aprazíveis e salutíferas; do jardim natural que formava em muitas partes a vegetação; do rio de quatro bocas (pois tantas divisas ali a gente de caravela *El Correo*, mandada a reconhecê-lo) idêntico ao que saía do Paraíso Terrestre... (HOLLANDA, 1994, p. 32)

Colombo, segundo o historiador HOLLANDA, (1994) acreditava que o Golfo da Pérsia ficava em conjunto com o Éden, pois para ele toda a área estava localizada no extremo Oriente.

Para TODOROV (1999), Colombo não se preocupava em conhecer o "outro", os costumes, a maneira organizacional, a língua, nada, o máximo que ele conseguia observar do povo encontrado eram seus aspectos físicos, e a maneira, no seu entender, receptiva dos índios. Isto permitiu a idealização do "bom selvagem". Suas vestimentas, quase inexistentes, por andarem nus, não deixaram o genovês sem justificativas pois, no Paraíso, Adão e Eva viviam nus.

Para o europeu, católico, acostumado com muitas roupas, a nudez dos índios era mais um elemento para justificar a construção imaginária que o navegador tinha de um Paraíso Terrestre.

Não havia da parte de Colombo a preocupação com o conhecimento da cultura daqueles que habitavam a nova terra, seu objetivo era encontrar riquezas que o permitisse acumular recursos para a Reconquista de Jerusalém e chegar ao Grande Can:

...não se trata mais de procurar a verdade, e sim de procurar confirmações para uma verdade conhecida de antemão (ou como se diz, tomar desejos por realidade)...acha que as terras são ricas, pois deseja ardentemente que o sejam; sua convicção é sempre anterior a experiência...⁶ (TODOROV, 1999, p. 23)

Segundo Guilherme GUUCCI (1992), "a descoberta do paraíso simboliza simultaneamente um refúgio e um testemunho de sua inadequação à realidade circundante," pois o genovês já teria recebido muitas críticas e atentado para as circunstâncias históricas, mas mesmo assim resolveu apelar para o utópico. Todorov, também, entendeu que seu idealismo permanecia em meio a muitas contradições.

3. COCANHA X SÃO SARUÊ

Certo é que a construção paradisíaca penetrou no imaginário das colônias a ponto de podermos encontrar, em 1970, folhetos de cordel fazendo referências a um país perfeito capaz de sintetizar essas visões de um lugar maravilhoso.

Em nossas pesquisas encontramos dois folhetos sobre uma terra fabulosa: *Viagem a São Saruê*, de Manoel Camilo dos Santos e *Um Passeio a São Saruê*, de José Costa Leite, porém aqui nos deteremos apenas ao primeiro.

São Saruê, assemelha-se ao país imaginário da Cocanha FRANCO JR (1998), apresentado num poema escrito provavelmente no século XIII. Nessa terra, Cocanha, reina a harmonia social, a liberdade sexual, onde não é preciso trabalhar, onde não há sofrimento nem envelhecimento. Assim como a Cocanha, São Saruê também evidencia essas características. Certamente, a Cocanha fazia parte das histórias escutadas pelos cordelistas no decorrer de suas vidas.

Gostaria de destacar um assunto que o autor, do país de São Saruê, não toca mas que na Cocanha aparece de forma natural, a sexualidade. O sexo, figura na Cocanha como um dos prazeres mais comuns.

Cada um satisfaz seu prazer.
Como quer e por lazer;
Elas (as mulheres) não serão por isso censuradas,
Serão mesmo muito mais honradas. (FRANCO JR 1998, p.31)

Certamente no nordeste da década de 50, 60, e mesmo 70, sexo por prazer somente, jamais seria digno para a mulher, seja qual fosse a classe social.

No poema, a Cocanha, temos a percepção de que o trabalho, gira em torno dos pequenos artesãos, criadores de animais e agricultores:

Que tem sapateiro
Que não considero desprezíveis,(...)
Pois com delicadeza
Distribuem calçados com cadaço.
Pois carne assada e presunto(...)
São cercados os campos de trigo.
Pelas ruas vão assando
Gordos gansos que giram

Sozinhos, regados
Com molho branco e alho.(...) (FRANCO JR 1998, p.32)

No folheto de Camilo, também:

Feijão lá nasce no mato
Maduro e já cozinhado
Arroz lá nasce nas várzeas
Já prontinho e despulpado (...)

Maniva lá não se planta
Nasce e invés de mandioca
Bota cachos de beijú (...)
As canas em São Saruê
Não têm bagaço (é gozado)
Um são cano de mel
Outras açúcar refinado (...)
(...) Já bota as roupas prontas
Próprias para o pessoal. (SANTOS, s.n.t.,p.06)

Na Cocanha, percebemos que a crítica a sociedade da época parece mais contundente. É negada a idéia de que os mais velhos são mais sábios, de quem mais trabalha mais ganha, de que é melhor a reza que a festa. Em São Saruê não se toca na igreja. Porém há uma estrofe que se consideramos o período político ditatorial, e as relações de clientela do coronelismo, no nordeste, expressa o ambiente em que vivia o povo nordestino.

Quando avistei o povo
Fiquei de tudo abismado
Uma gente alegre e forte
Um povo civilizado
Bom, tratável e benfazejo
Por todos fui abraçado. (SANTOS, s.n.t.,p.06)

Muitas vezes, é difícil ser alegre e forte, onde se passa fome, "civilizado" numa realidade de analfabetismo e bom, tratável, em meio a jagunços e ações políticas violentas.

No tocante a idéia de beleza e juventude eterna podemos observar as semelhanças do poema do século XIII como o poema de cordel:

A fonte da juventude
Que rejuvenesce as pessoas,
E traz outros benefícios.
Lá não haverá, bem sei,

Homem tão velho ou tão encanecido,
Nem mulher tão velha que,
Tendo cãs ou cabelos grisalhos,
Não volte a ter trinta anos.

As mulheres dali, tão belas,
Maduras e jovens,
Cada qual pega a que lhe convém
Sem descontentar ninguém. (FRANCO JR 1998, p.31)

Agora vamos transcrever um trecho do cordel de Manoel Camilo:

Lá tem um rio chamado:
O banho da mocidade, onde um velho de cem anos
Tomando banho a vontade
Quando sai fora parece
Ter vinte anos de idade.

Lá não se vê mulher feia
E toda moça é formosa
Alva, rica e bem decente
Fantasiada e cheirosa,
Igual a um lindo jardim
Repleto de cravo e rosa (SANTOS, s.n.t.,p.07)

Para o medievalista HILÁRIO FRANCO JR (1998), a Cocanha, retrata uma festa eterna, não o saudosismo da Idade do Ouro, nem o futuro utópico dos socialistas modernos. É algo que talvez se aproxime do realismo grotesco que Rabelais (BAKHTIN, 1993), demonstra, no qual o "rebaixamento do corporal e do material" à terra, de onde vem a abundância, a renovação o crescimento, engendra unidade tanto do espiritual quanto do material. Assim, o banquete, a praça e até a morte podem ser festivos. Na fogueira do rebaixamento, rei e religiosos eram igualados à condição de bufões, sendo escarnecidos pelo povo, propiciando uma alegria popular cujo caráter era permeado de elementos transgressores.

Camilo dos Santos, também retrata o país de São Saruê como um lugar excelente:

É um lugar magnífico
Onde eu passei muitos dias
Passando bem e gozando
Prazer, amor, simpatia,
Todo esse tempo ocupei-me
Em recitar poesias.

Tudo lá é festa e harmonia

Amor, paz, benquerer, felicidade
Descanso, sossego e amizade
Prazer, tranqüilidade e alegria
Na véspera de eu sair naquele dia
Um discurso poético, lá eu fiz,
Me deram a mando de um juiz
um anel de brilhante e de "rubim"
no qual um letreiro diz assim:
é feliz quem visita este país (SANTOS, s.n.t.,p.08).

Porém para o poeta a terra de São Saruê não passa de uma invenção, um conto fantasioso, é uma mentira, e ele não consegue entender o sucesso que seu folheto fez entre o povo nordestino e os estudiosos de literatura de Cordel. Vejamos seu depoimento:

Nunca entendo, por exemplo, como um folheto escrito fácil, fácil, em menos de duas horas, quase em cima dos joelhos, falando de um país de *mentira* ... nunca entendo como essa bobagem pudesse fazer mais sucesso que folhetos sérios, alguns falando de Febo, Júpiter, Vênus... LESSA, 1984,p.78). (grifo nosso)

Entendo que o espanto de Camilo dos Santos com relação a aceitação do seu poema, que o tornou famoso e conhecido, deveu-se ao fato do nordestino identificar elementos dessa terra fantástica com seus sonhos e esperanças, e a concretização deles seria maravilhoso.

Para os pesquisadores, o folheto narra o mito da Idade do Ouro. Para o poeta, ele é só mais um folheto escrito baseado em histórias ouvida dos mais velhos, por todo mundo, não lhe custou muito esforço nem exigiu qualquer pesquisa.

Vejamos, nessa narrativa, em que o mundo de São Saruê pode impressionar o homem nordestino:

Lá eu vi rios de leite
Barreiras de carne assada
Lagoas de mel de abelhas
Atoleiros de coalhada
Açude de vinho quinado
Montes de carne guisada

As pedras em São Saruê
São de queijo e rapadura
As cacimbas são café
Já coado e com quentura
De tudo assim por diante
Existe grande fartura. (SANTOS, s.n.t.,p.04)

Na primeira estrofe, além de encontrarmos alimentos típicos da região, geralmente, muito apreciados, há, também, palavras como "barreiras e montes" que lembram dificuldades, mas no texto expressam fartura de carnes, abundância de comidas." Rios, lagoas, atoleiros e açudes" são, nos períodos de seca, as palavras mais pronunciadas, devido à saudade que se tem das chuvas, e vêm sempre carregadas de um tom sombrio e triste, Porém, em São Saruê estão ligados a coisas boas – coalhada, vinho quinado, carne guisada – uma realidade que está

ali, abundante e disponível a todas, como nos bons anos de chuva. É o Mito da Idade do Ouro porque, quando chove e a água inunda tudo, torna-se possível uma realidade outrora vivida, também é utopia porque, se o momento é de seca nada disso existe, mas os nordestinos vivem na esperança dessas coisas se realizarem. E essa é, na verdade, a construção mental que impulsiona tanto a esperança que faz esperar quanto a que faz migrar.

O desfecho dos poemas trazem em comum o desejo de que o leitor também curta as delícias do país maravilhoso. Na Cocanha, pelo fato dele ter saído do lugar, perdeu o direito de volta, então ele recomenda que "se você estiver bem não mude". Já no poema, São Saruê, o poeta garante que ensina o caminho a quem comprar o folheto.

4. ENFIM O PRAZER?

É interessante que historiadores, entre eles, Sérgio Buarque de Holanda, perceberam em Colombo, alguém que tinha a preocupação de encontrar naquela realidade, "o novo mundo", o mito idealizado, repleto de riquezas a serem exploradas. Apesar do mito ser o da Idade do Ouro, do passado, a sua vontade era de usufruir, no presente, de tudo que o novo mundo oferecia, ou seja, fornecer a Metrópole o que as terras tropicais tinham de mais valioso.

Hilário FRANCO JR (1998) ao interpretar o mito da Cocanha, nos diz que esse desejo de viver gozando os prazeres, "o paraíso", sem compromisso não era apenas uma preocupação dos antigos, trata-se de um desejo "universal e atemporal". Isso implica dizer que há um querer ser eternamente feliz, em qualquer tempo e o tempo todo.

Se o desejo da festa eterna atemporal, como coloca Hilário Franco Jr, pode acontecer a qualquer momento, será que o homem pós-moderno detentor de poder econômico, tecnológico, capaz de levá-lo a pensar que só é velho quem quer, só é triste quem não "agita", nem consome, que valores, principalmente, os dos tempos de Colombo, precisam ser relativizados, tem vivido temporariamente, a Cocanha? Em que situação Camilo poderia conceber o país de São Saruê com algum fundo de verdade? Quando ele tiver rapadura e coalhada para comer? Ou quando a sua mentalidade puder conceber a idéia de festa eterna, apenas enquanto durar?

Uma coisa podemos perceber, tanto Colombo como Camilo ouviram histórias que os levaram a idealizar um país maravilhoso. Porém, Camilo recusava-se a acreditar nos contos

que ouvia, preferiu deixá-los no campo da ficção, tê-los com bobagem. Já Colombo procurou justificar, adaptar suas descobertas às suas idéias.

É interessante observarmos que os ensinamentos religiosos e histórias ouvidas por Colombo ao chegarem em Camilo já haviam se transformado em histórias que o poeta narrava sem crê, as tinha como "historias da carochinha". Ele acredita mais na ciência? Ou imagina impossível tanta facilidade na realidade nordestina, na qual para se conseguir colher o que planta, o trabalhador dependa, geralmente, das chuvas e de muito esforço.

Camilo ao contrário do que muitos pensam se interessa por tudo, em particular, pelo conhecimento científico, pois, isso é na verdade o que o diferencia dos seus pares. Quanto mais um poeta popular demonstrar ser "sabido", informado, conhecedor do mundo que está fora da sua "aldeia", mais prestígio ele tem, talvez esteja nisso também o seu espanto com o interesse que as pessoas demonstraram pelo folheto *Viagem a São Saruê*, todos ali conheciam aquela história. O que Camilo talvez não tenha percebido é que o país de *São Saruê*, a seu ver a narração de uma *mentira*, alimentou sonhos de muitos nordestinos.

Afinal segundo Walter BENJAMIN,(1994, v. 1., p. 198)."a experiência que passa de pessoa a pessoa é fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas por inúmeros narradores anônimos".

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sérgio Buarque de Holanda, Guilherme Guucci, Colombo, Camilo e outros fizeram leituras a partir de suas convicções e crenças no Paraíso Terrestre. Dificilmente alguém, hoje, dará qualquer razão a Colombo. O país de São Saruê, segundo Manuel Camilo, foi bem aceito pelos nordestinos na década de 70, talvez ele fale aos leitores de cordel as narrativas ouvidas pelo nordestino, na infância, e o sonho de uma vida melhor em um nordeste de chuvas regulares e abundantes colheitas.

Já a Cocanha, segundo a percepção de Hilário Franco Jr., quem sabe traduza em parte o que a sociedade pós - moderna entende por ideal de vida, "país maravilhoso", no qual tudo é permitido o tom é de festa eterna, atemporal, o viver pelo e para o prazer.

REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail Mikailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Rabelais**. 3.ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. Brasília: Ed.UNB, São Paulo: HUCITEC, 1993. (Linguagem e Cultura)

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**, Trad. Sérgio Paulo Roaunet, 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, v. 1.

CAMÊLO, Júlia Constança Pereira. **Os poetas, populares de cordel e seu público: na trajetória do nordeste ao Rio de Janeiro (1960-1990)**. Assis, 2000.(Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis Universidade Estadual Paulista).

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Cocanha: a história de um país imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso: o novo mundo**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos do descobrimento e colonização do Brasil**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LE GOFF, Jacques. “Idades Míticas”. IN: Romano Ruggiero (dir.). **Enciclopédia Einaudi**. 1 Memória – História . Trad. Irene Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. p. 311-337.

LESSA, Orígenes. **A voz dos poetas**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1984. (Literatura Popular em Verso - Estudos – Nova Série, 06).

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 2.ed. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1999.